

Os signos na leitura intersemiótica da obra de Adriana Varejão

Signs in the intersemiotic reading of Adriana Varejão's work

Marcia Costa  

marcia4ever@hotmail.com

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, Paraná, Brasil.

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira  

ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, Paraná, Brasil.

Resumo

Com a chegada dos Estudos Culturais muitas oportunidades foram abertas para explorar espaços antes elitizados, como a academia, a arte e a própria cultura. As minorias passam a ganhar visibilidade e a produzir e consumir produções que antes eram restritas. Com isso, várias classes minoritárias, como as mulheres, podem mostrar e desenvolver seus trabalhos acadêmicos, artísticos e culturais, atravessando as fronteiras canônicas e possibilitando discursos das mais variadas esferas sociais. Para discorrer o trabalho, focamos nossa análise na teoria da Tradução Intersemiótica, em que uma materialidade se converte em outra, no nosso caso, transpondo as artes plásticas para o texto, utilizando um estudo baseado nos signos e suas simbologias. A pesquisa verifica através dos signos, na obra *Ama Divers*, de Adriana Varejão, temas relacionados as mulheres.

Palavras-chave: Intersemiótica. Signos. Adriana Varejão. Mulheres. Artes Plásticas.

Abstract

With the arrival of Cultural Studies, many opportunities were opened to explore previously elitized spaces, such as academia, art, and culture itself. Minorities are now gaining visibility, producing, and consuming products that were previously restricted. With this, various minority classes, such as women, can show and develop their academic, artistic, and cultural works, crossing canonical borders and enabling discourses from the most varied social spheres. For this research, we focused our analysis on the theory of Intersemiotic Translation, in which one



10.23925/2318-7115.2024v45i2e64356



materiality converts into another, in our case, transposing the plastic arts to the text, using a study based on signs and their symbolologies. The research verifies through signs, in the Works Ama Divers, of Adriana Varejão, themes related to women.

Keywords: Intersemiotics. Signs. Adriana Varejão. Women. Plastic Arts.

1. O começo da mudança: Estudos Culturais

Os Estudos Culturais surgiram em 1964, e, segundo Ana Carolina Escosteguy (2010), tratavam das associações entre a cultura contemporânea e o social, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas, bem como, suas relações com a sociedade e as mudanças que nela ocorriam. A partir de então, começaram a ser estudadas outras maneiras de comportamentos e consumos, antes não considerados como cultura. O acesso às obras de arte, por exemplo, ficava restrito aos frequentadores de museus e galerias.

“Com a extensão do significado de cultura de textos e representações para práticas vividas, considera-se em foco toda produção de sentido” (Escosteguy, 1998, p.90) e com o desenvolvimento dos Estudos Culturais, passaram-se a privilegiar pesquisas que tinham como enfoque temas populares, ou seja, o foco não era mais na alta burguesia, e sim na sociedade como um todo.

Os Estudos Culturais nascem de uma recusa do legitimismo, das hierarquias acadêmicas dos objetos nobres e ignóbeis. Eles se fixam sobre a aparente banalidade da publicidade, dos programas de entretenimento, das modas vestimentares. O próprio estudo do mundo popular atinge infinitamente menos as figuras heroicas dos dirigentes do que a sociabilidade cotidiana dos grupos, os pormenores de decoração, as práticas e os costumes (Armand Mattelart e Érik Neveu, 2004, p. 72).

Ao trazer uma visão mais globalizada, com foco no convívio social e seus costumes, os estudiosos dessa área, passam a prestar atenção nas classes marginalizadas, voltando seus olhares para fora da academia e verificando que, além de consumir o que é produzido como arte e cultura, a maioria da sociedade também quer produzir o que toma para si como desenvolvimento cultural.

O início dos Estudos Culturais ocorreu através da implantação do CCCS - Center for Contemporary Cultural Studies, um centro de pesquisas de pós-graduação, na Universidade de Birmingham, na Inglaterra. Mattelart e Neveu (2004) citam o CCCS como um caldeirão de cultura

de importações teóricas, de trabalhos inovadores com objetos julgados, até então, indignos dos trabalhos acadêmicos. Parte da inteligência empreendedora dos sucessivos diretores do Centro formou pesquisadores com preocupações e referências heterogêneas a confrontarem em canteiros partilhados, por exemplo, do marxismo althusseriano à semiologia.

Raymond Williams, E.P. Thompson e Richard Hoggart, são considerados os fundadores do campo dos Estudos Culturais, e segundo Storey citado por Escosteguy (2010): O que os une é uma abordagem que insiste em afirmar que através da análise da cultura de uma sociedade – as formas textuais e as práticas documentadas de uma cultura – é possível reconstituir o comportamento padronizado e as constelações de ideias compartilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem os textos e as práticas culturais daquela sociedade. Os textos destes autores, influenciaram fortemente o surgimento dos Estudos Culturais: *The Uses of Literacy* (1957), de Hoggart, em que o foco cai sobre materiais culturais, antes desprezados, da cultura popular e dos meios de comunicação de massa, através de metodologia qualitativa; *Culture and Society* (1958), de Raymond Williams, que aborda um olhar diferenciado sobre a história literária, mostrando que a cultura é uma categoria-chave que conecta a análise literária com a investigação social; e *The Making of the English Working-class* (1963), de Thompson, que resistia ao entendimento de cultura enquanto forma de vida global e, em vez disso, preferia entendê-la enquanto um enfrentamento entre modos de vida diferentes. Estes textos fundadores:

[...] não foram de forma alguma ‘livros didáticos’ para a fundação de uma nova subdisciplina acadêmica: nada poderia estar mais distante de seu impulso intrínseco. Quer fossem históricos ou contemporâneos em seu foco, tais textos eram, eles próprios, focalizados pelas pressões imediatas do tempo e da sociedade na qual foram escritos, organizados através delas, além de serem elementos constituintes de respostas a essas pressões (Escosteguy, 2010, p.29).

Os Estudos Culturais questionam a produção de hierarquias sociais e políticas a partir de oposições entre tradição e inovação, entre a grande arte e as culturas populares, ou, então, entre seus níveis – por exemplo, alta e baixa, conhecimento de elite e sabedoria de massa. Tal análise é o que dá abertura à multidisciplinaridade, já que uma só disciplina não daria conta de abordar tantos questionamentos. Inclusive, Williams, tem uma forte contribuição na quebra desses binômios – cultura erudita/cultura popular, alta cultura/cultura de massas:

O autor questiona o conceito de “massa” ao dizer que as massas não existem a não ser em nossas próprias mistificações, pois estamos colocando sempre nossos outros nessa categoria, sugerindo que nos livremos também do impulso de pensar “cultura” e “classe”

como termos coextensos conforme colocados em vertentes marxistas. Segundo Williams, devemos pensar na (produção da cultura de maneira mais parecida com o fenômeno da linguagem, que só existe a partir de estruturas partilhadas – e utilizadas, e transformadas cotidianamente – por todos os membros de uma sociedade, claro está, a partir de posições socialmente diferenciadas (Miriam Adelman, 2006, p. 4).

Eis aí a importância de situar as análises, não na diferença de cultura proletária ou de elite, mas sim no plano de instituições, processos e momentos históricos específicos, nos quais a produção cultural se desdobra relacionalmente:

E ainda mais, visto que – como já assinalamos – os novos formatos não predeterminam em si os conteúdos nem os usos que lhes serão dados; muito pelo contrário, abrem para uma gama ampla de possibilidades, contraditórias e passíveis de novos e surpreendentes desdobramentos – um ponto que se tornará um eixo de todo posterior desenvolvimento da perspectiva dos Estudos Culturais (Adelman, 2006, p. 5).

Os Estudos Culturais construíram um espaço que permitiu a inclusão de temáticas, objetos e vozes que nas perspectivas mais clássicas das ciências sociais foram pouco teorizados, visibilizados e por vezes, resistidos. Stuart Hall veio completar o time de pensadores dos Estudos Culturais, e descreve a importância das mudanças ocorridas, a partir de então:

O que importa são as rupturas significativas - em que velhas correntes de pensamentos são rompidas, velhas constelações deslocadas e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas. Mudanças em uma problemática transformam significativamente, a natureza das questões propostas, as formas como são propostas e a maneira com podem ser adequadamente respondidas. Tais mudanças de perspectivas refletem não só os resultados do próprio trabalho intelectual, mas também a maneira como os desenvolvimentos e as verdadeiras transformações históricas são apropriados ao pensamento e fornecem ao pensamento, não sua garantia de “correção”, mas suas orientações fundamentais, suas condições de existência (Hall, 2003, p. 131).

Há uma quebra de paradigmas. Uma nova proposta de se olhar a produção cultural, dando abertura às vozes caladas e transformando a maneira como se encara arte e toda e qualquer produção artística, seja na música, nas letras, na arquitetura. É a abertura de espaço para o que não era visto, ou se era, passava despercebido por não ser considerado digno de apreciação. Começam questionamentos sobre o que é desenvolvido e consumido por uma sociedade, enquanto arte. E com isso, há uma aceitação maior do “fazer arte” do outro. Uma invasão criativa e com liberdade de expressão surge, e assim, surgem novos modelos de artefatos culturais. Os Estudos Culturais abarcam discursos múltiplos, bem como, numerosas histórias distintas. Compreendem um conjunto de formações, com as suas diferentes conjunturas e momentos no

passado. Essa multidisciplinaridade que os Estudos Culturais vêm oferecer é uma abertura para explorar em diferentes vertentes suas pesquisas. Assim as obras de arte podem traçar uma reflexão, e, conseqüentemente, produzir conhecimento sobre a própria produção.

2. Intersemiótica: transpondo significados

Diferente da leitura de um texto verbal, uma imagem não é governada por regras tão codificadas como a semântica e a sintaxe, por exemplo, assim, há a importância da decodificação pelo espectador através dos códigos e convenções de significação que lhe são familiares. A representação no nível pré-iconegráfico, em que cada ícone, ou símbolo será decifrado a partir da leitura que o espectador faz, passando a ser traduzido para o texto verbal, podendo oferecer mais e também menos inferências que determinada obra propõe.

A tradução dependerá de escolhas, não somente de habilidades criativas. O contexto no qual a tradução aparece é que determinará a transposição intersemiótica e esta depende de uma interpretação. Uma tradução interlingual, ou seja, de uma língua para outra, não faz com que a tradução intersemiótica seja menos importante, essa imagem quando narrada pode ser considerada uma transposição. Contudo, se a pintura já vem com um texto inserido, como uma legenda, este passa a ser limitador da interpretação, pois indica um caminho para quem a aprecia. O significado e a transferência de significado estão relacionados à interpretação e tradução. “Textos lidos como transposições intersemióticas são, portanto, analisados como signos que permitem a construção de um sentido muito semelhante ao significado que pode ser construído a partir de um signo em outro sistema semiótico” (Clüver 2006, p. 150).

É necessário pensar em como a obra é concebida, pois os suportes empregados na tradução intersemiótica interferem na maneira como ela será lida, visto que a história e os procedimentos utilizados darão uma visão diferenciada ao leitor, pois vão influenciar na recepção, uma fotografia é vista de forma diferente de um quadro com a mesma imagem, ou seja, a tecnologia da atualidade vai transformar os meios de produção, e logo, transformar o modo como é recebido pelo espectador.

Para Clüver, a tradução intersemiótica, ou seja, a relação entre mídias/artes ocorre quando “texto intersemiótico ou intermídia recorre a dois ou mais sistemas de signos e/ou mídias

de uma forma tal que os aspectos visuais e/ou musicais, verbais, cinéticos e performativos dos seus signos se tornam inseparáveis e indissociáveis” (2006, p,20).

Os suportes também interferem na tradução, as qualidades inerentes a cada um dos meios causam estranhamento necessário para ampliar a percepção que acentuam as diferenças entre tradução e traduzido. Ao tratar das formas a tradução intersemiótica permite a penetração em qualquer forma estética e meio. A tradução intersemiótica ocorre pelos signos de lei que apontam para um comparatismo entre as artes, permitindo classes de linguagens estéticas, e assim, uma tipologia das traduções. Traduzir com invenção é reinventar a forma que faz ver o instante. A comunicação e o raciocínio humano surgem pela tradução dos signos.

“O espaço-tempo da tradução é o da coincidência e da sincronia entre passado e presente, o da ressonância entre formas artísticas” (Plaza, 2003, p. 205). Recuperar parte da história e trazer para o presente perpassa a escolha sensível e cria configurações. Toda escolha do passado incide sobre a arte do presente, poética e politicamente contextualizando-se em face de arte contemporânea, como política e como prática artística, ou seja, poética.

3. Mergulhando em sonhos e expectativas

Adriana Varejão é uma artista plástica brasileira com destaque na cena contemporânea, principalmente no exterior. Nascida em 1964, no Rio de Janeiro, começou sua carreira nos anos 1980. Entre 1981 e 1985 frequentou cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, e fez sua primeira exposição em 1988, na galeria Thomas Cohn. Foi cursar engenharia e no meio tempo, fez cursos de arte e diz: “Acho que um dia eu acordei e virei artista”. Alugou um ateliê e começou a produzir.

Segundo o site Escritório de Arte, aos poucos Adriana foi revelando o amadurecimento de sua obra. Destacam-se suas participações na Bienal de São Paulo, em 1994 e 1998; nas Bienais de Havana (1994), Johannesburgo (1995) e Liverpool (1999), Bienal de Sydney (2000), além das mostras coletivas UltraBaroque (EUA, 2000-2002), TransCulture (Veneza; Tokio, 1995), New Histories (ICA, Boston, 1996), Mapping (MoMA-NY, 1994). O Escritório da arte afirma ainda que a artista reproduz elementos históricos e culturais, com temas ligados à colonização, ao barroco e à azulejaria. Apesar de remeter ao Barroco, adquire forte contemporaneidade em decorrência do

acúmulo excessivo de materiais, camadas de tinta e informações. A artista tem um pavilhão todo dedicado a suas obras no Centro de Arte Contemporânea Inhotim - Brumadinho MG.

Silvino Santiago (2009) fala do lado multifacetado de Adriana:

A regra de admissão à sua linguagem pictórica diz que o movimento dos olhos e da sensibilidade do espectador é o de vai e vem, semelhante ao da porta de *saloon* dos filmes de faroeste. Fechada, se abre e, aberta, se fecha. Semelhante ainda, a embarcação que, desde os grandes descobrimentos marítimos, desliza em ida e volta pelos planisférios renascentistas e barrocos. Sem ser ribeirinha, ou seja, sem se afirmar como só brasileira, Adriana Varejão é a dobradiça cosmopolita que mantém a porta em vai e vem, ou a caravela em viagem de ida e volta, no lugar que lhes é próprio, que é o seu próprio nas artes plásticas (Santiago, 2009, p. 73-74).

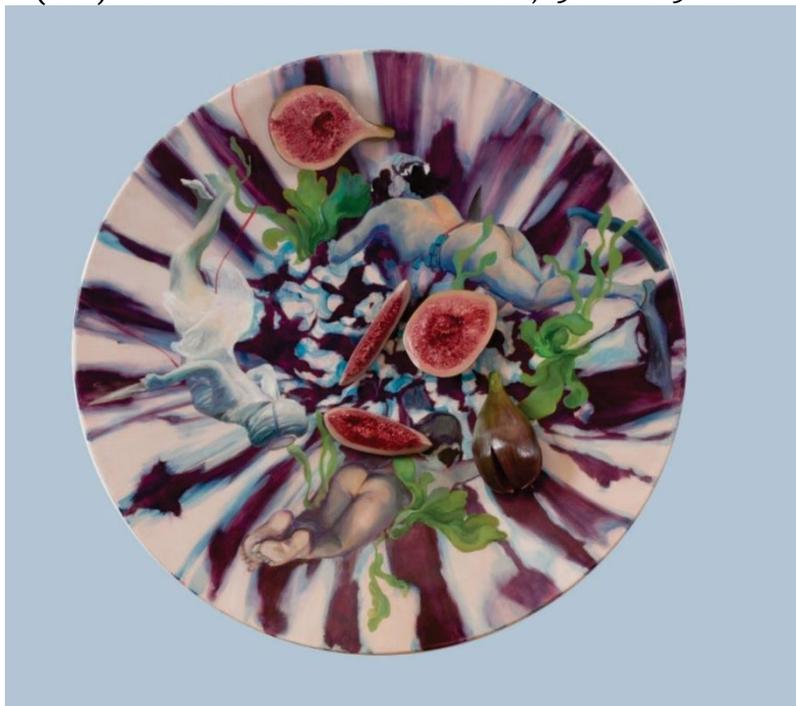
As amas divers, tradicionalmente, faziam seus mergulhos para a captura de pérolas, chamadas de amas. Era e continua a ser uma profissão somente de mulheres, por isso a palavra amas passou a significar “mulher do mar”. Até hoje essas mulheres mergulham em águas profundas sem ajuda de aparelhos de ar, em algumas regiões não fazem uso sequer de roupas, em busca de abalones, ou outras iguarias, que são separadas e vendidas em mercados locais. Durante seus mergulhos coletam todo tipo de frutos do mar, o que garante alimento à sua família.

“Moças, senhoras e idosas realizam a atividade, mas são as mais velhas, a partir de setenta anos, que têm mantido a tradição viva [...]. Se a faixa etária tem variado, o sexo não: são sempre mulheres ao mar” (Schwarcz; Varejão, 2014, p.265).

Diz-se que o trabalho é feito por mulheres pela quantidade de gordura ideal em seus corpos, mantendo assim a temperatura. Essa é uma daquelas “declarações científicas” que a sociedade adora repetir. Elas vestem aventais brancos amarrados ao corpo, por ser a cor da sorte e afastar os tubarões. Ah então, um misto de ciência e fantasia nessa narrativa.

Ainda hoje, entre março e setembro, esta prática é desenvolvida duas vezes ao dia, porém as mais velhas temem pelo futuro, pois acreditam que essa tradição não irá se manter. Entretanto as amas das fantasias, devem permanecer vivas, na mitologia local são quase sereias e adicionam a essa tradição diversas lendas. Nas narrativas atuais, nas aquarelas e filmes essas figuras são rodeadas de mistério. “Nesse caso elas são retratadas lindas, com corpos esculturais, e parecem resistir à realidade; na imaginação são sempre novas, com cabelos longos e pernas de sereia” (Schwarcz; Varejão, 2014, p.267).

Figura 01 - Ama Divers (2011). Óleo sobre fibra de vidro e resina, 150 cm x 25 cm.



Fonte: <http://www.adrianavarejao.net/br/imagens/categoria/10/obras>

A obra *Ama Divers* apresenta as mulheres, “sereias” nuas, dando expressividade e representatividade ao corpo feminino, com exceção de uma das amas, que aparece vestida de branco. “O Branco – *candidus* – é a cor do candidato, i.e., aquele que vai mudar de condição (os *candidatos às funções públicas vestiam-se de branco*, grifo dos autores)” (Chevalier, Gheerbrant, 2015, p. 141). Segundo os autores é a cor da iniciação, da passagem que opera a mutação do ser. Assim podemos associar a mudança na área profissional que as mulheres vêm buscando ao longo dos anos.

A principal característica das amas é ocupar o lugar dos maridos no trabalho de mergulho para manter o sustento da família, temos aqui uma inversão de papéis, no qual a mulher tem uma ocupação valorizada e de suma importância nas sociedades em que essa prática é vigente.

Porém, a realidade das mulheres no mercado de trabalho não é tão satisfatória, em seu artigo intitulado *A mulher e o mercado de trabalho: permanência e perspectivas*, de 2021, Fábio Góes e Fernanda Machado destacam a diferença, ainda marcante no século XXI, tanto na inserção profissional, quanto na igualdade salarial e oportunidades para se desenvolver na carreira. “Apesar do crescimento da participação feminina em diferentes segmentos do mercado formal, as mulheres ainda não ocupam o mesmo tipo de posto de trabalho do que os homens, nem mesmo quando apresentam melhor nível de escolaridade” (Góes; Machado, 2021, p. 48). Mesmo

sendo maioria em diversos segmentos de trabalho, são minoria em ocupação de maior grau hierárquico.

A partir do século XX a mulher se viu obrigada a trabalhar, enquanto seus companheiros lutavam na guerra, porém, muitas enfrentam uma dupla jornada, pois além do trabalho formal ainda tem as responsabilidades com a casa e os filhos. Mauro Maia Laruccio et al. (2015, p. 5) descreve muito bem essa inserção profissional das mulheres e fala da desigualdade ainda existente perante os homens:

A participação feminina vem se destacando pela coragem, determinação, persistência, sofrimento e pela personalidade de forte caráter do sexo tradicionalmente considerado frágil. Muito se afirma em igualdade entre homens e mulheres, porém o que realmente se encontra é a grande discriminação nas práticas sociais e no comportamento que cada indivíduo sofre devido ao seu sexo, sendo desfavorecido ou favorecido em uma determinada situação, pelas injustiças sofridas e pelo tratamento desigual no desempenho de mesmas tarefas.

A obra apresenta uma mescla das cores azul-claro e roxo no fundo do prato. O azul, segundo Modesto Farina, Clotilde Peres e Dorinho Bastos (2006, p. 102) “é a cor mais lembrada pelos ocidentais quando querem referir-se à simpatia, à harmonia, à amizade e à confiança”, características estas relacionadas a maioria das mulheres. É a cor da nobreza, por isso a expressão bastante conhecida “sangue-azul”, podemos aqui, relacionar as valiosas pérolas pescadas pelas Amas. Remete à feminilidade, verdade, paz e serenidade, amor e fidelidade. Já o roxo, segundo os autores, está relacionado ao mar profundo (lugar onde as Amas realizam seus mergulhos) e se ligam a dignidade, justiça, grandeza, delicadeza e calma. Mais uma vez temos sentimentos bastante comuns quando lembramos das mulheres.

As algas que aparecem no prato, segundo Chevalier; Gheerbrant (2015, p.30) são muito importantes da alimentação japonesa e assim como as mulheres, principalmente as mães, possuem uma virtude protetora e simboliza a vida elementar e o alimento primordial. Ou seja, as Amas além de garantirem as pérolas que serão vendidas, também são responsáveis em levar os alimentos oriundos de seus mergulhos, trazendo assim o sustento para a família. A cor verde, cor das algas, representa abundância, segurança, firmeza e coragem, fatores diretamente ligados a essas poderosas mergulhadoras.

Considerações Finais

A arte contemporânea existe por causa dos períodos anteriores que nos fornece infraestrutura para o desenvolvimento material artístico. Segundo Plaza (2003) passado, presente e futuro, ou ainda, original, tradução e recepção sofrem influência dos meios de produção social e artística trazendo as marcas da história. Com isso a tradução passa a ser um diálogo entre signos. Um signo sempre representa algo, seu objeto, a ideia que provoca um interpretante. Todo pensamento é formado por signos e estes nada mais são que representações de um objeto. Um signo vai se transformar em outro signo fazendo que todo pensamento seja uma forma de tradução.

Buscamos em nossas memórias tudo que armazenamos para decodificar e transformar em imagens que representam algo. O pensamento precisa se converter em representação, logo, ele não ocorre de imediato. Há uma busca de pensamentos anteriores para que se consagre uma significação, então passamos a ser um observador-leitor de nós mesmos. E como não temos sempre os mesmos estados de espírito, todo pensar será diferente do outro que já tivemos, entramos no universo sígnico. E só tendo essa conversa conosco que poderemos transmitir para o outro um signo.

Vimos na obra *Ama Divers*, a mulher colocada em primeiro plano em relação ao mercado de trabalho, e também, sendo provedora do lar. Essa quebra de paradigmas vai ao encontro de fatores históricos, como por exemplo, a não valorização das mulheres nas mais diversas áreas. A obra de Adriana Varejão, vem confrontar o que foi imposto socialmente, além de resgatar uma parte da história, retratando uma tradição que por anos é mantida, e ainda, faz com que busquemos na memória a herança mitológica referente as sereias fazendo um paralelo entre passado e presente.

Referências

ALDEMAN, Miriam. **Estudos Culturais e Estudos de Gêneros: Estendendo os olhares.** Cadernos da Escola de Comunicação. Unibrasil. Volume 1. N.4, 2006. Disponível em:<<http://revistas.unibrasil.com.br/cadernoscomunicacao/index.php/comunicacao/article/view/40>> . Acesso: 22.01.2017.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos Símbolos.** 28ª edição. José Olympo Ltda, Rio de Janeiro-RJ, 2015.

CLÜVER, Claus (2006). **Intertextus / interartes / intermedia**. Aletria. Jul-dez, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18067/14857> . Acesso em: 27.01.2023.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais** – Uma versão latinoamericana – ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5ª edição. Edgard Blucher, São Paulo-SP, 2006.

GÓES, Fábio; MACHADO, Fernanda. A mulher e o mercado de trabalho: permanência e perspectivas. **Revista Eletrônica do TRT-PR** - V. 10 n.99. Mai.21.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução: Adelaide Lá Guardia Resende...{et al}. Belo Horizonte. Editora: UFMG, Brasília: Representação da Unesco Brasil, 2003.

LARUCCIA, Mauro Maia. A trajetória das mulheres no mercado de trabalho no Brasil. In: **Simpósio Número 24 sobre “Territorio(s), Género, Trabajo y Políticas Públicas en América Latina”** en el marco del IV Congreso Ciencias, Tecnologías y Culturas. Diálogo entre las disciplinas del conocimiento. Mirando al futuro de América Latina y el Caribe, Universidad de Santiago de Chile entre el 9 y el 12 de octubre de 2015.

MATTELART, Armand e NEVEU Érik. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo, Parábola Editorial, 2004.

PLAZA, Julio. **Tradução Intersemiótica**. 1ª edição. Editora Perspectiva S.A. São Paulo-SP, 2003.

SANTIAGO, Silvino. A ficção contemporânea e visionária de Adriana Varejão. In: **VAREJÃO, Adriana. Entre carnes e mares**. Editora Cobogó, Rio de Janeiro, 2009.

SCHWARZ, Lilia Moritz. 1957; VAREJÃO, Adriana, 1964. **Pérola imperfeita: a história e as histórias na obra de Adriana Varejão/Lilia Schwarcz**, Adriana Varejão - 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014. II.; 26 cm.